

“UM GRÃO DE AREIA PARA O EDIFÍCIO DE NOSSA LITERATURA”:

Isabel Gondim e “O Resumo de Traços Históricos do Paiz”
(1900-1913)

Magno Francisco de Jesus Santos

RESUMO:

Este trabalho tem como escopo a escrita de livros escolares de História pela professora primária Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). Trata-se de uma intelectual que se notabilizou pelo exercício do magistério e pela produção bibliográfica, notadamente, peças de teatro, livros de poesias e textos de história. Desse modo, objetiva-se problematizar a construção da concepção de história gestada pela pensadora da história, bem como a sua mobilização da narrativa para a produção de leituras atinentes ao passado da nação de forma que se tornasse inteligível e sensível para os alunos. Foram elencados como fontes centrais para a análise um dos seus principais livros escolares: “Resumo de traços históricos do paiz”, publicado em 1913.

PALAVRAS-CHAVE: Isabel Gondim; historiografia escolar; historiografia norte-rio-grandense.

“A GRAIN OF SAND FOR THE BUILDING OF OUR LITERATURE”: Isabel Gondim And “The Summary of Historical Traces Of The Country” (1900-1913)

ABSTRACT:

The scope of this work is the writing of school History books by primary teacher Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). She is an intellectual who became famous for her teaching and bibliographical production, notably theatrical plays, poetry books and history texts. In this way, the objective is to problematize the construction of the conception of history created by the thinker of history, as well as her mobilization of the narrative to produce readings relating to the nation's past in a way that would become intelligible and sensitive to students. One of his main schoolbooks was listed as central sources for the analysis: “Resume of historical traits of the country”, published in 1913.

KEYWORDS: Isabel Gondim; school historiography; historiography of “Rio Grande do Norte”.

Introdução

O emergir da Primeira República no Brasil foi marcado pela confluência de novas demandas historiográficas, tanto no âmbito da investigação histórica, quanto do ensino. A ebulição dessas novas ideias atinentes aos fazeres historiográficos também repercutiu no emergir de novos sujeitos, que oriundos de diferentes espaços institucionais do país, pensavam a escrita da história para públicos totalmente diversos.

Neste sentido, a produção de narrativas históricas ao longo dos primeiros decênios republicanos foi marcada por uma dimensão polimórfica e polissêmica, na qual foram atribuídas diferentes funções para o conhecimento histórico, como a legitimação do novo regime político a partir da elaboração de biografias de heróis republicanos, a invenção de um passado perpassado por experiências republicanas, a proliferação de narrativas históricas com perspectivas federalistas e uma acentuada preocupação com a questão do ensino de história. Como código disciplinar na cultura escolar, a História foi pensada por um vasto grupo de intelectuais, que construíram propostas sobre o papel da disciplina no processo de formação do cidadão republicano e sobre as estratégias de produção de narrativas escolares que tornassem o passado da nação inteligível para crianças e jovens.

Nesse contexto marcado por questionamentos e renovação das práticas de ensino da História, uma professora primária do Rio Grande do Norte, notabilizou-se como uma das mais profícuas escritoras de livros escolares nos últimos decênios do Império e da Primeira República. Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim, nascida na vila de Papari, nos idos de 1833, atuou na docência nas escolas primárias de Natal, ao longo de grande parte da segunda metade do oitocentos, levando-se em consideração que ela foi concursada para a cadeira de ensino primário em 1866 e aposentou-se apenas em 1891 (MORAIS, 2003). Além disso, a partir do último quartel do oitocentos, passou a elaborar uma

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

significativa produção de livros escolares, destinados à formação de suas alunas e ao ensino de história pátria.

Isabel Gondim foi uma das professoras primárias de maior visibilidade na província do Rio Grande do Norte e contribuiu para a construção de um espaço de sociabilidades no qual as mulheres letradas atuavam no cenário cultural. Um cenário que contou com mulheres como Nísia Floresta, no primeiro momento e Auta de Souza no segundo. Isabel Gondim era a mulher que emergia no ensino. Observe a Figura 1.

Figura 1 - Professora Isabel Gondim no final do século XIX.



Fonte: Acervo particular de Jacira Gondim.

Ainda como docente de primeiras letras na provinciana cidade do Natal, no Império do Brasil, Isabel Gondim publicou o seu primeiro livro, “Reflexões às

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

minhas alunas”, nos idos de 1873. Trata-se de uma obra que pensava a educação feminina em diálogo com importantes pensadores da educação do último quartel do oitocentos. Posteriormente, em 1885, ela publicou “Elementos da educação escolar para uso nas escolas primárias de um e outro sexo”.

Percebe-se, que na primeira fase de escrita, Isabel Gondim tinha como eixo central de sua reflexão à prática de ensino e o papel do ensino primário na sociedade brasileira. Essa dimensão de escrita mudou consideravelmente, no período posterior a sua aposentadoria, constituindo a sua fase de maior produção de textos e de uma maior inserção na escrita de textos de teor histórico. Em tempos republicanos, a professora aposentada transmutaria em uma importante pensadora da História, por meio da produção de livros voltados para públicos mais amplos, utilizando-se linguagens pouco usuais na escrita na história. Com isso, ela escreveu livros como “Sedição de 1817 na capitania ora estado do Rio Grande do Norte”, escrito em 1892 e publicado em 1908. Em 1900 ela publicou a primeira edição de “Brasil, um poema histórico do país”. Em 1909 publicou “O sacrifício do amor: drama em cinco atos”. Além disso, deixou o manuscrito “Rio Grande do Norte: noções históricas” e “Resumo da História do Brasil”.

Diante dessa produção historiográfica, esse texto tem como escopo a escrita de livros escolares de História pela professora primária Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim (1839-1933). Trata-se de uma intelectual que se notabilizou pelo exercício do magistério e produção bibliográfica, notadamente, peças de teatro, livros de poesias e textos de história. Desse modo, objetiva-se problematizar a construção da concepção de história gestada pela pensadora da história, bem como a sua mobilização da narrativa para a produção de leituras atinentes ao passado da nação de forma que se tornasse inteligível e sensível para os alunos.

Foram elencados como fontes centrais para a análise a produção historiográfica de Isabel Gondim, notadamente os livros “Sedição de 1817” e “O

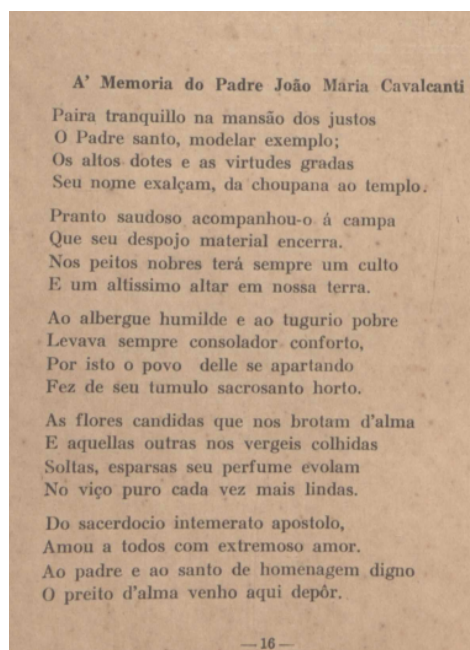
ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

sacrifício do amor”. São dois livros que mobilizam uma reconfiguração da metodologia da história, na qual as memórias familiares são elencadas como recurso para a construção da “verdade histórica”. De igual modo, são dois textos que se utilizam de novas linguagens para a construção da trama histórica, transitando entre uma história pública tingida pela esfera privada e a história em uma trama teatral.

Além disso, a história também emergia como poesia. A poética narrava a história e criava os mitos acerca dos heróis da pátria. Um exemplo disso foi a poesia em homenagem ao padre João Maria Cavalcante, publicada no livro *A Lyra Singela*.

Figura 2 - Poesia em homenagem ao padre João Maria.



Fonte: *A Lyra singela*, 1930.

Os escritos da professora Isabel Gondim ao longo dos primeiros decênios republicanos denotam para uma atuação da docente como uma pensadora da História, ou seja, ela integrou um grupo de intelectuais que repensou a escrita da história pátria em seu processo de escrita e de ensino. Neste sentido, vasculhar a produção historiográfica da referida professora é um passo relevante no processo de

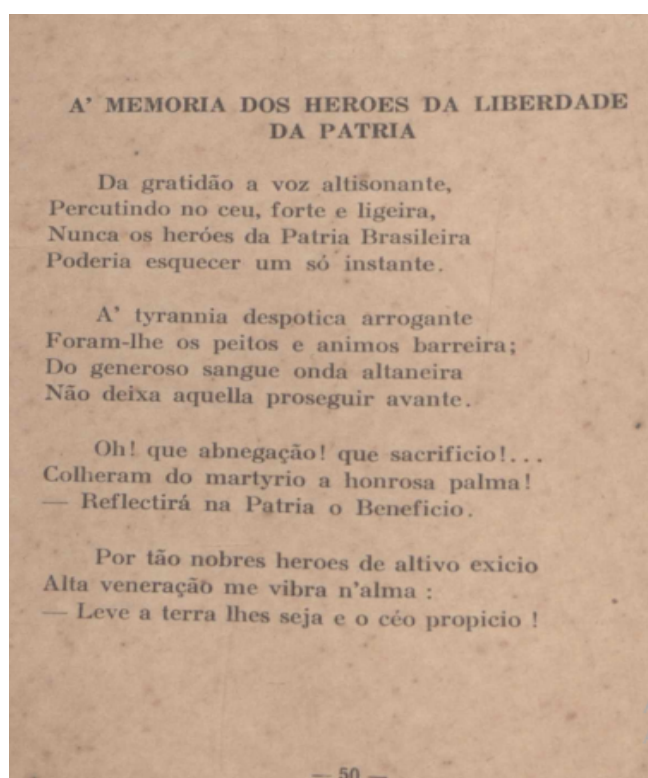
ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

compreensão da historiografia brasileira e dos fazeres historiográficos no contexto da virada republicana, pois elucida como uma mulher, atuante no magistério primária de uma província do antigo norte do país pensava a história na questão da escrita e da difusão das narrativas históricas para públicos mais amplos.

Na poesia, Isabel Gondim também pensou a história da pátria, com a construção de narrativas que expressavam a dor da perda de familiares para os campos de batalhas das guerras, notadamente, a Guerra do Paraguai. Isso está presente no poema “À memória dos heróis da liberdade da pátria”, como pode ser observado na Figura 3:

Figura 3 - Poesia em homenagem aos heróis da Guerra do Paraguai.



Fonte: A lyra singela, 1930.

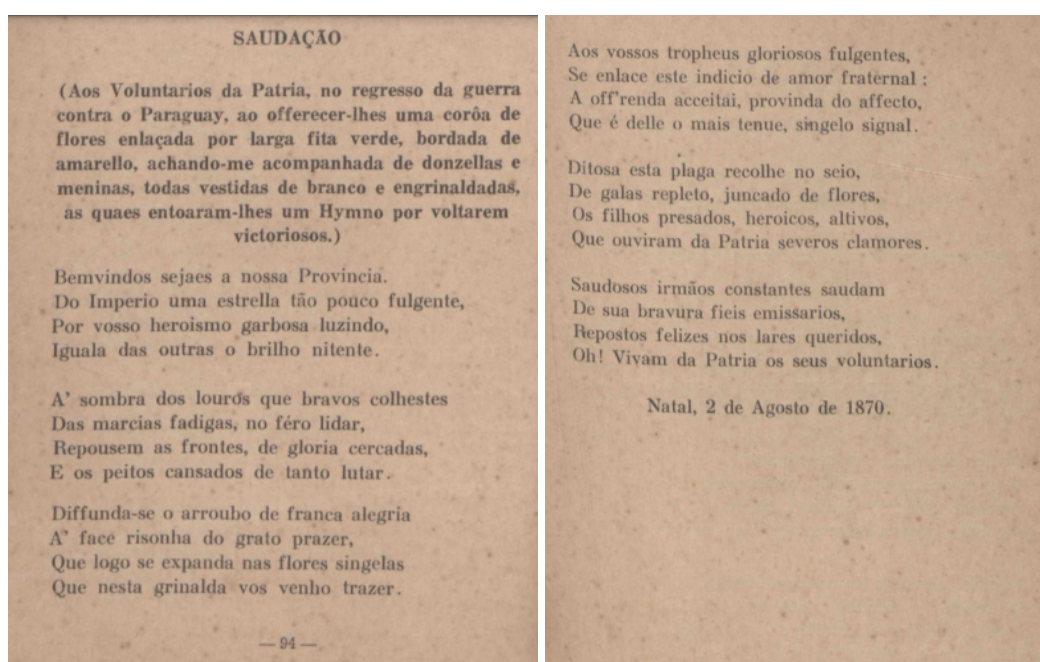
A mulher letrada acionava a memória por meio da escrita literária. Uma literatura atravessada pela histórica, com forte teor cívico-patriótico, como uma lição

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de sacrifício em prol do bem comum. Uma mulher que lamentou o sacrifício dos homens em defesa da liberdade e que cantou o retorno dos soldados como heróis de um momento de alegria, de reencontro de familiares. A história da pátria ocorria no espaço da casa, entre familiares. Uma história escrita na poética e no calor dos acontecimentos. Na poesia, Isabel Gondim enfrentava a temida história do tempo presente. Observe a Figura 4.

Figura 4 - Saudação aos voluntários da pátria.



Fonte: A Lyra Singela. 1930.

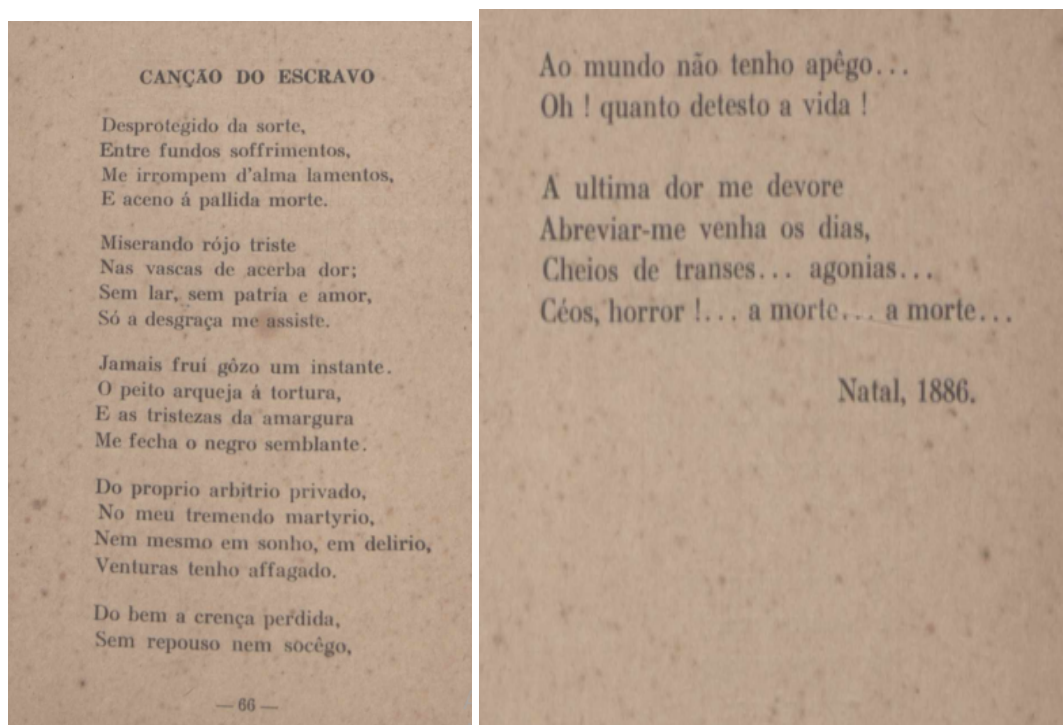
Isabel Gondim emergia como uma mulher que pensava a história pátria com a mobilização de diferentes linguagens, como o teatro e a poesia. Além disso, cantava a liberdade. A liberdade da pátria, no contexto da Guerra do Paraguai, a liberdade de seu chão, no âmbito da sedição de 1817, ou, a liberdade da população negra escravizada, nos últimos suspiros do cativo, em sua canção ao escravo. É o cato que registrava as desventuras de uma gente que vivia neste solo como o outro,

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

tida como sem lar, sem pátria, nem amor. Um povo que vivia a plena desgraça. Um canto no qual a morte eclodia como um sonho de liberdade. Observe a figura 5.

Figura 5 - Canto do Escravo.



Fonte: A lyra singela. 1930.

Certamente, não se trata de uma mulher silenciada, sucumbida pela névoa do tempo. Em diferentes temporalidades, Isabel Gondim foi lembrada. Em seu tempo, dialogou com importantes nomes da intelligentzia nacional, participou de algumas agremiações culturais e intelectuais, publicou livros e artigos em jornais. No momento do falecimento, a sua memória foi fomentada pelos governos estaduais, por meio de homenagens na nomeação de logradouros públicos e de instituições de ensino. Nos fazeres historiográficos do tempo presente, Isabel Gondim também continua como um nome consideravelmente estudado, principalmente, no âmbito

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

da História da Educação, com ênfase para o seu pensamento educacional e da prática de ensino voltada para as meninas (MORAIS, 2003). Além disso, Isabel Gondim tem sido consideravelmente evocada como a voz de mulher do final do século XIX que expressa de forma significativa a visibilidade de mulheres intelectuais no Brasil do final do Império, em pesquisas que vislumbram os diálogos com outras mulheres de seu tempo, como Francisca Izidora (REVORÊDO, 2002) e Anna Ribeiro (MORAIS, 2008).

Desta forma, mesmo não estando no grupo de pesquisadores que vasculhavam os acervos documentais oficiais do país e de sua não participação efetiva nos círculos historiográficos, Isabel Gondim pode ser vista como uma pensadora da história que propôs alguns caminhos para a amplificação do processo de difusão do conhecimento histórico, como a exposição das narrativas do passado em dramas a serem encenados. Os seus escritos denotam uma preocupação em ver a história da esfera pública a partir da proximidade e intimidade das memórias privadas, do seio familiar. O seu enredo é enfeixado a partir dos bastidores familiares que testemunharam as angústias dos protagonistas da história. Uma história pensada a partir da intimidade, de porta adentro.

Por essa perspectiva íntima e voraz, a narrativa histórica pensada por Isabel Gondim era um caminho para evocar o sentimento patriótico e coadunava com as prerrogativas cívico-patrióticas pensadas para o ensino de História nas escolas primárias. A complexidade de um passado temporalmente distante partira de uma realidade próxima, no espaço e no sujeito, respectivamente com o cenário do Rio Grande do Norte e das memórias familiares da própria autora. Se no âmbito da pedagogia moderna o ensino deveria partir do simples para o complexo, do próximo para o distante e do concreto para o abstrato, Isabel Gondim passava uma dimensão complementar desta prerrogativa, partindo do emotivo para o racional.

Além disso, os escritos de Isabel Gondim também possibilitam a compreensão de seu esforço de mobilização de diferentes estruturas narrativas para

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a configuração de sua trama histórica. O passado evocado pela emoção e confirmado pelas memórias de entes familiares insuspeitos ou até mesmo pela autora transmutada em testemunha ocular, revela uma perspectiva de escrita da história muito destoante da premissa na qual o historiador deveria afastar-se do seu objeto, temporal e emocionalmente. Isabel Gondim trilhou um caminho oposto, ao apinhar-se nas veredas familiares para entender a história de sua pátria, enveredando de seus próprios testemunhos. Apesar de seguir caminho oposto da neutralidade, a pensadora da História galgava o mesmo fim de outros profissionais da história de seu tempo: chegar à verdade.

O ato historiográfico de chegar à verdade dos fatos por meio de uma escrita que expressava sensibilidade, poesia e intimidade, expressa um recurso operacional pouco operacionalizado por pensadores da história do período entre o final do século XIX e o emergir do XX. Neste sentido, também é relevante pensar como as obras da professora foram recebidas no meio intelectual. “O sacrifício do amor”, que tem como escopo a história da Guerra do Paraguai, foi prefaciado pelo prestigiado intelectual Afonso Celso, integrante da diretoria do IHGB e autor de um dos maiores sucessos editoriais entre os livros escolares brasileiros: “Por que me ufano de meu país”. O prestigiado autor do livro cívico ressalta as virtudes patrióticas na escrita de Isabel Gondim, capazes de contribuir para a formação de um nobre sentimento de amor à pátria. A autora também foi consideravelmente elogiada por intelectuais pernambucanos e norte-riograndenses, na ocasião de seu falecimento, nos idos de 1933.

Contudo, existem importante ressalvas à recepção de seus livros. A principal crítica ocorreu também em relação ao livro “O sacrifício do amor”, com uma áspera resenha publicada pelo também renomado intelectual, Osório Duque Estrada, autor da letra do Hino Nacional Brasileiro. Em um texto mal-humorado, o intelectual fluminense elenca os erros de concordância do livro e o descreve como

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

inútil. Contudo, o fato do livro ter sido alvo de uma resenha já expressa a inserção da autora no círculo intelectual de seu tempo.

Outra questão que reverbera essa inserção é a participação de Isabel Gondim como sócia correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, desde o final do século XIX. Além disso, em várias ocasiões ela viajou para Recife, onde chegou a realizar conferências no Instituto Arqueológico sobre a Sedição de 1817, sendo bem recebida. É um forte indício de seu diálogo no campo intelectual. Contudo, em terras potiguares, a sua inserção foi muito mais lenta. Câmara Cascudo, proeminente historiador do estado, afirmava que ela não dialogava. Já o IHGRN, fundado em 1902, no mesmo contexto das publicações de Isabel Gondim, não a incluiu no seleto grupo de seus sócios. Ela iria se tornar sócia da principal instituição intelectual do Rio Grande do Norte somente nos idos de 1928, poucos anos antes do falecimento. São indícios de uma intelectual ambivalente na escrita e no fazer a história.

REFERÊNCIAS

GONDIM, Isabel. **O sacrifício do amor**: drama em cinco atos. Rio de Janeiro: Typographia Commercial, 1909.

GONDIM, Isabel. **Sedição de 1817 na província ora estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa, 1908.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Escritoras oitocentistas: Isabel Gondim e Anna Ribeiro. **Educação e Linguagens**. Ano 11, nº 18, 2008, p. 84-106.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim**: uma nobre figura de mulher. Natal: Terceirize, 2003.

REVORÊDO, Jacqueline da Silva. **Isabel Gondim x Francisca Izidora**: duas visões do amor no teatro no limiar do século XX. 2002, 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002 [Orientadora: Profª Drª Luzilá Gonçalves Ferreira].

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas. “Nos plácidos campos do papel, aos golpes da pena”: Isabel Gondim e a recepção dos livros escolares de História do Brasil (1873-1913). **Escritas**: Revista do Curso de História de Araguaína. V. 15, n. 1, Araguaína, 2023, p. 148-168. Disponível em: < <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/15971/21538> >. Acesso em: 16/01/2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Scenas da História do Brazil”: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares de História para crianças. **Revista História Hoje**. V. 6, n. 12, Rio de Janeiro, 2017, p. 204-230.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade**: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926). São Cristóvão-SE: EDUFS, 2013.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um conto moral que sirva de espelho da vida”: Bathazar Goes, um intelectual pensando o ensino de História. **Interfaces Científicas**: Educação. Vol. 7, nº 2, 2019, p. 23-34.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Aos pés da águia alada: os grupos escolares e a infância sergipana nos tempos de Graccho Cardoso (1922-1926). **Interfaces Científicas**: Educação. Vol. 2, nº 3, 2014, p. 59-70.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Ensino de História, espaços e cultura política bandeirante: José Scarameli e a escrita de livros escolares para crianças. **Revista História, Histórias**, v. 5, n. 9, p. 104-126, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Simples, atrahente e comovente”: o ensino de História nos programas dos grupos escolares sergipanos (1912-1924). **História & Ensino**, v. 24, n. 1, 2018, p. 165-197.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria”: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). **IHS, antigos jesuítas en iberoamérica**. Vol. 7, nº 10, 2019, p. 42-62.

SANTOS, Magno Francisco de. “Para felicidade dos povos que habitam este clima”: Manoel Antônio Coriolano e a escrita da Notícia Histórica da Província do Rio Grande do Norte (1875-1881). **Muitas Vozes**. V. 11, Ponta Grossa, 2022, p. 1-13.

SANTOS, Magno Francisco de. “Um lugar proeminete entre os mais conscienciosos cultores da História Pátria”: Miguel Archanjo Galvão e os fazeres historiográficos no oitocentos (1858-1898). **Temporalidades**. Vol. 16, n. 1, Belo Horizonte, 2024, p. 63-84.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria”: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). **IHS**, antigos jesuítas em iberoamérica. Vol. 7, nº 10, 2019, p. 42-62.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Maior somma de factos históricos, elucidados com mais methodo”: Américo Braziliense e a invenção do espaço paulista na escrita da história escolar (1873-1879). **Almanack**. N. 29, 2021, p. 1-51.

SOARES, Lênin Campos. Isabel Gondim, a historiadora. **Natal das antigas**. Natal, 2019. Disponível em:
<https://www.nataldasantigas.com.br/blog/isabel-gondim-historiadora> . Consultado em: 02/05/2020.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade